



Discurso, política e direitos:

*por uma análise de
discurso comprometida*

Viviane de Melo Resende
Carolina Lopes Araújo
Jacqueline Fiuza da S. Regis
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Fernando César Lima Leite
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: César Lignelli
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Liliane de Almeida Maia
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcante
: Sely Maria de Souza Costa
: Wilsa Maria Ramos

Discurso, política e direitos:

*por uma análise de
discurso comprometida*

Viviane de Melo Resende
Carolina Lopes Araújo
Jacqueline Fiuza da S. Regis
(Organizadoras)

Ilustração de capa

Baseada no trabalho de Mariana Henrique Mariano da Silva para o VII Colóquio e II Instituto da ALED-Brasil

© 2020 Editora Universidade de Brasília
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa,
1º andar – Campus Darcy Ribeiro,
Asa Norte, Brasília/DF – CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Bibliotecário responsável: Fernando Silva - CRB 1/2001

D611 Discurso, política e direitos : por uma análise de discurso
 comprometida / Viviane de Melo Resende, Carolina Lopes
 Araújo, Jacqueline Fiuza da S. Regis, organizadoras. – Brasília
 : Editora Universidade de Brasília, 2022.
 240 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-138-8.

1. Estudo crítico do discurso. 2. Análise de discurso crítica. 3.
Direitos humanos. 4. Associação Latino-Americana de Estudos
do Discurso. I. Resende, Viviane de Melo (org.). II. Araújo,
Carolina Lopes (org.). III. Regis, Jacqueline Fiuza da S. (org.).

CDU 82.085



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Sumário

Apresentação: uma análise de discurso comprometida	7
1. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual	17
2. Reflexões sobre a(s) política(s) habitacional(is) na CABA: uma aproximação da análise de discurso crítica	51
3. Reflexões sobre a luta mobilizada do MNPR e sua relação com o Estado brasileiro: uma perspectiva discursivo-crítica localizada ...	85
4. “Eu me sentia um professor”: reexistências decoloniais no âmbito do projeto Mulheres Inspiradoras	115
5. Análise crítica do discurso e teorias jurídicas feministas: um olhar sobre a cidadania das mulheres	147
6. Discurso e direitos: por uma análise crítica do discurso jurídico em decisões judiciais	171
7. Análise do discurso de ódio contra uma blogueira	203
Sobre as organizadoras	235
Sobre as/os autoras/es	237



7

Análise do discurso de ódio contra uma blogueira

Lola Aronovich

Introdução

O *Escreva Lola Escreva* (ELE) foi criado em janeiro de 2008, quando eu fazia doutorado-sanduíche em Detroit, e rapidamente se tornou um dos maiores *blogs* feministas do Brasil. Mas a intenção original não era necessariamente ser feminista. Como se vê no título, uma referência ao filme *cult Corra Lola Corra* (do alemão Tom Tykwer, 1998), o *blog* pode ser visto como pessoal, já que leva meu nome. No entanto, como eu me assumo feminista desde os 8 anos de idade, meus textos trilham este caminho.

Por ser um dos principais *blogs* feministas brasileiros, e por existir – e resistir – por 11 anos, o ELE vez por outra é objeto acadêmico de dissertações e trabalhos de conclusão de curso. A mais completa análise sem dúvida veio de Carla Rizzotto, hoje professora de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, que analisou o *blog* para sua tese de doutorado a partir da teoria dos contratos comunicacionais de Charaudeau. Parte da tese serviu como base para a publicação do artigo “Discursa, Lola, discursa: estratégias discursivas de um *blog* feminista”, publicado em 2014. Entre as finalidades descritas por Charaudeau (2007) – persuasiva,

informativa, prescritiva e de captação –, o que meu *blog* mais busca, segundo Rizzotto, é a captação (“fazer sentir”) e a persuasão (“fazer crer”).

Para seu pós-doutoramento, Rizzotto mediu se o *blog* influencia a formação da consciência feminista no seu público, o que resultou no artigo “O ‘quinto poder’ exerce poder de fato? Relações entre um observatório de mídia e seu público” (2017). Para tanto, a pesquisadora pediu que leitoras e leitores do ELE respondessem a um questionário. Entre as 612 pessoas que o responderam, 80% foram mulheres, quase 53% entre 20 e 29 anos, 73% heterossexuais; 90% declararam-se feministas. As 612 respostas no questionário foram cruzadas com 102 *posts*. Rizzotto concluiu que o público vê a blogueira como uma “professora” (44%) e uma “grande amiga” (40%). O interessante é que entre as alternativas constava também, além de “uma pessoa distante que leio às vezes” (2%), “uma mãe”. Essa alternativa obteve apenas 0,85% de respostas, o que me deixa contente, uma vez que minha intenção nunca foi ser vista como uma figura materna. Outra conclusão do estudo de Rizzotto é que utilizo “o humor e a emoção como estratégias de aproximação, sem deixar de lado a linguagem racional que transmite credibilidade” (RIZZOTTO, 2017, p. 133).

Figura 1. O que a autora do blog representa (RIZZOTTO, 2017, p. 141).



Blog feminista é alvo de misóginos

É sempre instigante saber, ainda mais por meio de uma pesquisa acadêmica de qualidade, o que o leitorado acha do meu trabalho como blogueira. As respostas abertas do questionário, que a pesquisadora compartilhou comigo, sem citar o nome das entrevistadas, demonstram grande afetividade. Porém, nem tudo é carinho. O ELE atrai bastante ódio de grupos misóginos, e eu, como sua autora, acabo me tornando o alvo principal.

Gostaria de contar um pouco da história do *blog*. Embora eu seja assumidamente feminista desde criança, os primeiros *posts* do *blog*, no início de 2008, não tinham temática necessariamente feminista. Escrevi sobre a morte do ator Heath Ledger, sobre a autobiografia da atriz Kathleen Turner, sobre as eleições americanas daquele ano, sobre a cor do fundo do *blog*, sobre a direita cristã nos EUA, sobre o protesto que a igreja homofóbica God Hates Fags (Deus Odeia Bichas) planejava fazer no funeral de Ledger (por ele ter interpretado um *cowboy gay* em *O segredo de Brokeback Mountain*), sobre as indicações ao Oscar, sobre abaixo-assinado contra a instalação de um Walmart, sobre o salão de automóvel em Detroit, que eu havia visitado, e sobre vários filmes, como *Juno* e *Conduta de risco*.

Nas minhas crônicas de cinema, publicadas no jornal catarinense *A Notícia* entre março de 1998 e dezembro de 2011 (algumas delas compiladas no livro de 2012 *Escreva Lola escreva: crônicas de cinema*), o meu feminismo vinha à tona muito antes de eu começar o *blog*. Por exemplo, enquanto grande parte da crítica e do público se regozijava com o filme *À procura da felicidade*, em que o astro Will Smith passa por todos os sacrifícios para criar o filho e se tornar um corretor de Wall Street, escrevi que as únicas três mulheres no filme são todas vilãs. Uma é a mulher

negra do herói, que o abandona; outra, uma asiática, dona da creche em que fica o menino enquanto o pai trabalha; e a terceira, uma *hippie* que rouba o mártir. Em contrapartida, todos os homens brancos do filme, com exceção de um, são retratados como cidadãos de bem. O filme ainda hoje é passado em salas de aula como um modelo de superação, sem que as pessoas percebam a óbvia dicotomia entre a vilania de mulheres pobres e *hippies* e a nobreza dos homens ricos, que “permitem” que o protagonista estagie na firma, sem qualquer remuneração, durante meio ano.

O primeiro *post* descaradamente feminista a ser publicado no *blog* foi no começo de fevereiro de 2008, com o título “Sobre o machismo que não existe mais”, que tratava de uma equivocada campanha publicitária contra estupro de vulnerável que usava imagens de rostos de meninas em corpos de mulheres. Eu iniciava o *post* mencionando um incidente que acontecera na candidatura de Hillary Clinton à indicação do Partido Democrata: “E por falar em machismo, que tanta gente considera sepultado atualmente: numa convenção da Hillary Clinton, dois homens interromperam seu discurso gritando ‘Passe a minha camisa!’ Porque mulher não serve pra ser presidente. Só pra cuidar da casa” (ARONOVICH, 2008d).

No dia 8 de março de 2008, Dia Internacional da Mulher, pouco mais de um mês após a inauguração do *blog*, publiquei um texto que fez muitas leitoras se identificarem: “Toda mulher tem uma história de horror pra contar”. Na introdução, escrevi:

Não faz muito tempo que percebi, numa conversa informal com um grupo de moças, que todas haviam passado por no mínimo uma ocasião em suas vidas em que foram seriamente ameaçadas, espancadas ou que conseguiram fugir de um estupro. Sério. Eram seis mulheres, de origens e

idades distintas, e todas, sem exceção, tinham uma história de horror pra contar. Fiquei pensando nas minhas amigas e conhecidas e notei que isso se aplicava a elas também. Ou seja, não conheço mulher sem um histórico de violência ou, com sorte, de risco de violência. Se você é homem, não tem muita ideia do que é isso (ARONOVICH, 2008e).

Na caixa de comentários, que passei a chamar de “Fala gente fala” para fazer uma alusão ao nome do *blog*, houve muita empatia. Dezenas de leitoras relataram suas histórias de horror.

A partir de julho do mesmo ano passei a publicar *guest posts*, ou seja, textos de convidados e convidadas que escreviam sobre temas, experiências e conhecimentos diferentes dos meus. O quinto *guest post* que publiquei no *blog* foi em novembro de 2008 e trazia a autoria da Taia, uma moça que havia sido estuprada nove anos antes. Ela começava o texto com: “E aí coragem, cadê você? Eu ainda estou em dúvida se devia ou não contar uma ‘historinha’, mas vou começar tentando...”. E ela relatou que um amigo, advogado, pediu para subir ao apartamento dela sob o pretexto de que queria pegar um casaco. Lá em cima, violentou-a. Taia diz: “Só depois d’ele ir embora é que consegui reagir, trancar a porta do apê e passar horas no chuveiro tentando lavar a alma. Não contei o que aconteceu para ninguém, pois eu sabia que eu é que seria considerada culpada”. O “amigo” não se conformou com o fim da amizade e chegou a sugerir casamento. “O relato da Taia” narrava como ela lidava com o trauma e como foi capaz de seguir adiante (ARONOVICH, 2008c).

Uma leitora, Elyana, deixou o seguinte comentário: “Olha, eu sempre soube que esse tipo de violência acontece com todas as mulheres. Mas ver aqui escrito por tantas dá uma dimensão muito maior. Fico muito entristecida. Mesmo”. Depois disso, várias outras leitoras tomaram coragem para

compartilhar os relatos de estupros que tinham sofrido. Era a primeira vez que a maior parte delas revelava isso a alguém (todos os posts sobre estupro são publicados anonimamente, ou com um pseudônimo, ou com a primeira letra do nome).

No entanto, uma coisa é saber como a violência contra a mulher é real; outra é perceber como ela é onipresente nas redes sociais. Quando a internet apareceu, no final dos anos 1990, eu, como tanta gente, pensei que essa nova tecnologia seria uma excelente oportunidade para transformar o mundo. Ingenualmente cheguei a pensar que a maior parte das pessoas iria se dar as mãos e, ao som de “Kumbaya”, mudar a sociedade, juntas. Mas não. Já em 2006, um estudo da Universidade de Maryland mostrava que, assim como nosso mundo é misógino, com a internet não seria diferente. Pesquisadoras e pesquisadores daquela universidade criaram várias contas falsas e as colocaram para interagir em fóruns. Contas com nomes femininos receberam uma média de cem mensagens ameaçadoras e sexualmente explícitas por dia. Contas com nomes masculinos receberam apenas 3,7% dessas mensagens (HESS, 2014). O conteúdo dos comentários era exatamente igual, mas só ter avatar feminino já proporciona insultos misóginos e sempre ligados à sexualidade.

Meu primeiro contato indireto com a misoginia virtual foi no final de março de 2008. Uma blogueira americana, escrevendo sobre um nefasto programa de rádio em que os apresentadores se divertiam dizendo que “adorariam f*der aquela vadia da [então secretária de Estado] Condoleezza Rice até a morte”, afirmou que estupro não é algo engraçado. E narrou como foi violentada aos 16 anos, deixada para morrer numa poça de seu próprio sangue. Por esse *post*, a blogueira recebeu inúmeros comentários agressivos, vários contendo ameaças de morte e de estupro. Na ocasião, reuni e traduzi algumas das mensagens, como: “A única tragédia é que um tiro não

acabou com você depois de ter sido usada pra única utilidade que você tem no mundo”; e “Alguém deveria jogar todas essas vadias fracassadas numa máquina de lavar com o Magic Johnson [lendário jogador de basquete que tem Aids] e um monte de navalhas junto” (ARONOVICH, 2008b). Fiquei perplexa que tantos homens fossem capazes de desejar morte e estupro a uma sobrevivente de violência sexual.

Todo aquele ódio dirigido a uma feminista foi chocante para mim. Lógico, eu sabia o que era misoginia. Tinha lido ainda na adolescência um dos clássicos feministas da segunda onda, *A mulher eunuco*, da australiana Germaine Greer, em que ela usava uma passagem do romance *Última saída para o Brooklyn* (em que uma prostituta é violentada por dezenas de homens, que fazem fila não só para estuprá-la, mas para espancá-la e quebrar seus dentes) para exemplificar a misoginia. O ódio contra mulheres não era novidade para mim. Mas, até então, eu nunca havia presenciado isso na internet. Na época eu não conhecia a existência de *Men's Rights Activists*, ou MRAs, “defensores dos direitos dos homens”, que no Brasil se chamam masculinistas, Guerreiros da Real e Sanctos. Só fui saber um ano depois que os MRAs estavam por trás desses comentários cheios de ódio. Naquele *post* de 2008 a que dei o título didático de “Homens que odeiam mulheres”, eu pensava, erroneamente, que se tratava de adolescentes.

No início do ELE, com o número ainda bastante baixo de visitas e comentários, os *trolls* – comentaristas que têm como propósito ofender autoras e seguidoras dos *blogs* que frequentam – eram bastante restritos. Mas desde então já tinham o mesmo perfil: homens brancos, heterossexuais, conservadores de direita altamente preconceituosos (não apenas machistas, mas também racistas, LGBTfóbicos, elitistas, transfóbicos, gordofóbicos). Certa vez um deles apareceu para dizer que todas as

mulheres são interesseiras e só se relacionam com homens mais “destacados” do que elas (o que os masculinistas chamam de “hipergamia feminina”, que, segundo eles, data dos tempos das cavernas). Para exemplificar, ele citou o fato de a *top model* Gisele Bündchen ter se casado com o atleta americano Tom Brady em 2009. Alertado nos comentários de que Gisele era mais rica que o marido, o *troll* não se deu por vencido: “Então ela se casou pelo *Greencard!*”

Até junho de 2012, ou seja, durante quatro anos e meio, o ELE não só era aberto a comentaristas anônimos como também não tinha qualquer tipo de moderação. Os comentários eram automaticamente publicados. Portanto, havia muitos insultos. Mas chegou um momento em que cerca de cinco *trolls* atacaram simultaneamente, dois deles repetindo cada mensagem mais de cem vezes, inviabilizando a caixa de comentários. Infelizmente, ao contrário do *Wordpress*, que avisa e impede que alguém poste um comentário repetido, o *Blogspot* (onde o *Escreva Lola Escreva* se hospeda) não tem qualquer tipo de controle e seu sistema de barrar comentaristas indesejáveis é praticamente inexistente. Ou seja, não restou alternativa além de passar a moderar comentários.

Quando precisei começar a moderar a caixa de comentários, os principais *trolls* do *blog* não eram mais homens preconceituosos de direita de forma geral, e sim uma categoria muito mais específica: os masculinistas. Ainda que masculinistas sejam homens preconceituosos de direita, eles têm sua própria agenda e são guiados acima de tudo pela misoginia. Depois do meu primeiro contato com a misoginia de MRAs dos EUA, houve o terrível assassinato da jovem Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, pelo seu ex-namorado Lindemberg Fernandes Alves, de 22. Em 13 de outubro de 2008, Lindemberg invadiu a casa de Eloá, em Santo André, enquanto ela fazia um trabalho escolar com colegas. Ele manteve Eloá e sua amiga Nayara como

reféns e liberou os dois rapazes. O que se seguiu foi um *show* de horror e incompetência, em que a polícia de São Paulo permitiu que Nayara, que já havia sido libertada, voltasse ao cativado e a mídia sensacionalista entrevistasse Lindemberg por telefone durante as mais de cem horas de cárcere privado. O despreparo da polícia culminou na invasão do apartamento, com tempo para que Lindemberg atirasse em Nayara e Eloá. A morte cerebral de Eloá foi confirmada na mesma noite, Nayara sobreviveu.

Um dos meus quatro *posts* sobre o caso falava de uma comunidade no Orkut chamada “Eloá virou presunto – vai tarde”. A comunidade, assinada pela “Suprema ordem dos homens de bem”, rapidamente chegou a 1.200 membros, com comentários dos mais misóginos: Eloá era chamada de galinha, piranha, vadia. Diziam que ela era puta, e Lindemberg, seu cafetão. Inventavam que Eloá e Nayara estavam fazendo uma orgia no apartamento e Lindemberg flagrou a ex-namorada. Outros membros da repulsiva comunidade reclamavam da cor do caixão (branca) em que Eloá foi enterrada, pois, segundo eles, Eloá não seria mais virgem e não “merecia” a “cor da pureza”. Outro membro comentou: “Que se foda a cor do caixão, o importante é que ela vai ser comida embaixo da terra” (ARONOVICH, 2008a).

Assim como antes de começar o *blog* eu não sabia que existiam MRAs, também não sabia da existência dos Sanctos, os homens por trás da “Homens de Bem”. Os Sanctos eram, e continuam sendo, uma espécie ainda mais extremista de masculinistas. Todos os grupos começaram por volta de 2005 no Orkut, em comunidades como “O lado obscuro das mulheres” e “Mulher gosta de homem babaca”. Nesses fóruns, homens que não faziam muito sucesso com as mulheres encontravam a explicação para seu fracasso – a culpa não é deles, mas *delas*, que só gostam de cafajestes, não de “homens bonzinhos” como eles.

Antes mesmo de começar a falar neles, o *Escreva Lola Escreva*, por ser o maior *blog* feminista do Brasil desde 2009 ou 2010 (é difícil ter certeza porque, mesmo que eu saiba o número de visitantes do meu *blog*, a maioria dos *blogs* não disponibiliza a visão do contador de visitas. Mas em março de 2009 meu *blog* já tinha 200 mil visitantes, e em novembro do mesmo ano alcançou meio milhão, com média de 35 mil visitas mensais), já era criticado em *blogs* masculinistas. “Criticado” não é bem a palavra, porque eles mal falavam do meu *blog*, contentando-se em me atacar com todos aqueles adjetivos dedicados às primeiras feministas, as sufragistas do século XIX (mal-amada, moçreia, gorda, lésbica etc).

Em fevereiro de 2011 escrevi um *post* sobre esses misóginos chamado “O pensamento vivo (modo de dizer) dos masculinistas”, descrevendo esse tipo de homem que odeia mulheres. O *post* acabava com várias perguntas:

O movimento masculinista é minúsculo, mas tem potencial pra crescer. Parece fácil recrutar soldados pra uma causa dessas. Sua mulher se recusa a recolher e lavar as cuecas que você larga pelo chão? Sua mulher te deixou? Você não conquistou a gostosona da escola? Você se sentiu usado por uma garota que só queria sexo? Sua paquera te traiu? Você tem uma chefe que te dá ordens? Sua mãe manda você lavar a louça? Alguma mulher riu do tamanho do pacote? Você não usou camisinha, sua (ex)namorada engravidou, e agora ela exige pensão pro filho? Ou, pior: você não usou camisinha, sua (ex)namorada engravidou, você até quis casar com ela, mas ela preferiu abortar seu herdeiro divino? Você não arranja mulher porque nenhuma presta e elas não apreciam caras superlegais como você?

Uma feminista disse pra você pensar? Junte-se aos homens de verdade! (e deixe meu bloguinho em paz, pelamor!) (ARONOVICH, 2011a).

Esse *post* gerou tantos comentários revoltados de masculinistas que selecionei alguns (por exemplo: “Mulheres são seres amorais e sem caráter, incapazes de tomar decisões por conta própria. A unica [sic] época em que existiram mulheres decentes, boas mães e esposas foi quando estava vigente o patriarcado”) para outro *post*, “Troll fest de lógica linear dos mascus”, publicado em março de 2011 (ARONOVICH, 2011b). Foi a primeira vez que me referi aos masculinistas como *mascus*, uma abreviação. O termo pegou, é usado até hoje, e tornou-se tão pejorativo que praticamente acabou com os masculinistas no Brasil (pelo menos no nome), já que nenhum masculinista quer ser tachado de *mascu*.

Em 7 de abril de 2011 a situação ficou mais séria. Foi quando ocorreu o massacre de Realengo, em que Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, entrou na escola municipal em que havia estudado anos antes e abriu fogo, matando dez meninas e dois meninos. Após ser baleado por um policial, Wellington se suicidou, uma ação típica nos massacres dos EUA. A grande mídia não prestou atenção na discrepância entre o número de meninas e meninos mortos, nem nos depoimentos das testemunhas – “Nas meninas ele atirava para matar. Nos meninos, os tiros eram só para machucar, nos braços ou nas pernas” (COSTA, 2011) –, e, portanto, não caracterizou o massacre como um crime de ódio.

Insisti na versão do crime de ódio desde o começo e acompanhei a ação de *blogs* e fóruns masculinistas, que entraram em polvorosa, pois viram que Wellington usava a mesma linguagem que eles. O assassino deixou alguns vídeos em que se dizia virgem e chamava as meninas de “seres impuros”.

Alguns *blogs mascus* fecharam as portas. Um deles era o de Silvio Koerich (um pseudônimo), logo o mais popular. Um dia depois do massacre, Koerich sumiu sem deixar vestígios. Ele só reapareceu seis meses depois para declarar que estava fechando o *blog*, sem dar qualquer explicação. Em seguida, um *blog* com o mesmo nome e *layout* começou a publicar textos e imagens escabrosas exigindo a legalização do estupro, o estupro corretivo para lésbicas, o assassinato de mulheres, negros e *gays* e a legalização da pedofilia, entre várias outras barbáries. Além disso, o *blog* continha ameaças de morte e estupro. Os alvos preferenciais eram o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ)¹ e eu.

As ameaças a mim se intensificaram a tal ponto que, em janeiro de 2012, fui a uma delegacia fazer meu primeiro boletim de ocorrência. Algumas ameaças eram sutis (“Tome cuidado, pois a vida é que nem um supro [*sic*]... uma hora pode acabar”), outras mais diretas (“Pago 5 mil reais via paypal para quem conseguir montar na @lolaescreva como se fosse um touro de rodeio, filmar o ato e botar no *youtube*”, ou “Com a ajuda do meu amigo Silvio Koerich vou acabar com sua reputação, sua vaca”), e outras totalmente explícitas (“Vadia nojenta estamos pertinho vamos te cortar em 20 pedaços ninguem vai te axar [*sic*] somos sanctos somos homens honrados fica ligeira [*sic*], pode ser amanhã vou chutar tanto essa tua cara que ninguem vai te reconhecer depois, qdo te axarem em sacos plasticos”, ou “Vamos te matar vctafudida, nao tem noção de qts querem te matar agora é mais que vingança é uma questão de honra”).

O *site* de ódio permaneceu no ar entre agosto de 2011 e abril de 2012, chegando a ser denunciado quase 70 mil vezes para a SaferNet,

¹ No dia 24 de janeiro de 2019, Jean Wyllys anunciou que, devido às ameaças de morte a ele e a seus familiares, iria renunciar ao seu terceiro mandato e sair do Brasil. Ele também acusou o governo de omissão ao apurar essas ameaças. O Ministério da Justiça negou omissão e citou como exemplo a condenação de Marcelo Valle Silveira Mello, de quem tratarei mais adiante.

que vistoria conteúdo inapropriado na internet. Mas nada era feito. O *site* era derrubado e voltava ao ar dias depois, hospedado em outro país. Fora as ameaças e os *posts* com apologia a crimes diversos, o *blog* Silvio Koerich ainda prometia um atentado no prédio de Ciências Sociais da Universidade de Brasília para “matar esquerdistas e vadias”. Ele desafiava a polícia com *posts* do tipo “Vocês jamais irão nos pegar”.

Com a ajuda do grupo Anonymous, sabíamos que Emerson Eduardo Rodrigues, conhecido como “Engenheiro Emerson” (apesar de não ser engenheiro), estava envolvido com o *site* de ódio, pois esse masculinista e neonazista de longa data havia divulgado um vídeo de dez minutos abertamente racista e misógino que ele gravou na Índia, em que declarava que “o estado natural do preto é a sujeira, o estado natural da mulher é a prostituição”. Mas eu jamais havia ouvido falar no outro suspeito, Marcelo Valle Silveira Mello, embora ele fosse conhecido nos *chans* (fóruns anônimos). Marcelo foi a primeira pessoa no Brasil a ser condenada por racismo via internet, em 2009, por ofensas que fez no breve período em que cursou Letras Japonês na UnB. Na ocasião, ele alegou insanidade mental para não cumprir a pena.

Finalmente, em março de 2012, a Polícia Federal, por meio da Operação Intolerância, aproveitou que dois dos principais líderes sanctos, Emerson e Marcelo, estavam morando em Curitiba e prendeu ambos. No apartamento de Marcelo, os agentes encontraram um mapa da UnB e instruções para preparação de bombas caseiras. Também foram encontrados R\$ 440 mil em sua conta corrente. A polícia disse que os dois tinham conexões com o massacre de Realengo. Pouco depois, o *site* de ódio (que continuou no ar por mais algumas semanas depois que seus líderes foram presos) publicou a transcrição de uma suposta conversa entre Wellington Menezes e Silvio Koerich em que o “guru” dizia ao jovem o que deveria ser feito na escola em Realengo.

Os dois líderes sanctos ficaram um ano e dois meses presos. Nesse ínterim, foram julgados e condenados a seis anos e sete meses de prisão cada um, enquanto experimentei um período quase sem ameaças, como nos três primeiros anos do *blog*. Em maio de 2013, assim que os dois “sanctos” saíram da prisão, enviaram-me *e-mails* dizendo que iriam me processar. No segundo semestre de 2013 Marcelo passou a me enviar tuítes e comentários no *blog* (não aceitos) cada vez mais agressivos. Ainda naquele ano ele deu início a um *chan* (um fórum anônimo, o “Dogolachan”) em que eram postadas mensagens como: “Essa Lola não sabe com quem tá mexendo. Achando que prisão é eterna, achando que se eu não ve [sic] o dedo dela em uma nova prisão que fodeu com minha vida eu não vou lá pro Ceara e mato ela”, e “Vou cravar a Lola de balas, sei q estamos ameaçando-a faz tempo, mas o dia da retribuição chegará. Nosso sanctowellington agiu sob nossas orientações, sempre incentivamos o martirio, a vitoria é por nos e sempre será”, e:

Sonho todos os dias com essa gordona escrota morta, até imprimir uma foto dessa maldita e coleí na minha porta e fico apontando minha 9 mm pra foto dela. Essa desgraçada precisa ser parada por um homem sancto, não vamos mais se limitar a critica-la na net, se ela quer ser martir das misandricas, então ela será.²

Fiquei sabendo da existência do Dogolachan porque Marcelo fez questão de mandar o *link* para mim, assim eu poderia acompanhar as ameaças diárias.

² Não tenho a referência bibliográfica desta e de muitas ameaças porque boa parte delas são *prints* (cópias de uma imagem da tela do monitor) que tirei do Dogolachan. Como em todos os *chans*, as mensagens são excluídas automaticamente em poucos dias, não permitindo outro registro fora os *prints*.

Fora as ameaças, outro tema recorrente do Dogolachan era a necessidade de criação de novos “heróis”, ou seja, misóginos que saem do discurso e acabam de fato matando mulheres. No cabeçalho do *chan* em 2014 havia imagens de três desses “heróis”: Elliot Rodger, que em maio de 2014, na Califórnia, matou seis pessoas após deixar um manifesto misógino de 140 páginas e vários vídeos (que continuam no YouTube, incentivando outros jovens a fazerem o mesmo); Wellington Menezes, do Massacre de Realengo, no Rio; e Anders Breivik, que em julho de 2011 matou 77 pessoas em Oslo, Noruega (Breivik, ao contrário dos outros dois, não se suicidou após o atentado).

Ao longo dos anos, outros “heróis” engrossaram a lista, como Sidnei Ramis de Araújo, que no *Réveillon* de 2016, em Campinas, assassinou 12 membros da mesma família, incluindo sua ex-esposa e seu filho de 8 anos, e Alek Minassian, que em abril de 2018 usou uma van alugada para atropelar várias pessoas em Toronto, no Canadá, matando dez. Sua inspiração era Elliot Rodger, um *incel* (termo que significa “celibatário involuntário”, ou seja, o que é popularmente chamado de *virjão*, um rapaz sem experiência sexual que reclama por não seduzir mulheres. Com Rodger, o termo ficou mais conhecido. A maior parte dos *mascus* é *incel*).

Desde que inaugurou o Dogolachan, Marcelo criou vários *sites* de ódio, sempre reciclando os textos do Silvio Koerich, como Realidade, Homens de Bem, Tio Astolfo, PUAHate, Reis do Camarote, Filosofia do Estupro e Rio de Nojeira. Em 2015 e 2016 ele lançou “guias de estupro”, em que só mudava o nome da universidade, mas sua base era “como estuprar vadias” na USP, UFC, UFRGS, UFRJ e, claro, na UnB. Dessa forma, Marcelo cumpria três objetivos: divulgar sua ideologia, enfiar o “gado” (qualquer pessoa que não seja um *mascu*) e tentar incriminar inimigos. Em cada um dos *sites* ele colocava o nome completo de algum

desafeto como autor, como, por exemplo, meu marido, Silvio Cunha Pereira, com direito a fotos e nome da escola onde ele era professor de xadrez. Silvio também teve de registrar boletim de ocorrência, já que Marcelo tem grande obsessão por ele. Marcelo (e outros de sua quadrilha) não se conforma que uma feminista seja heterossexual e que uma mulher gorda tenha um marido que a ame. Logo, vários de seus planos envolvem a destruição de Silvio.

Em outubro de 2015, Marcelo e sua quadrilha misógina criaram um *site* com discurso de ódio no meu nome. Tinha fotos minhas, *link* para meu currículo Lattes, meu endereço e telefone residencial em cada *post*. O objetivo confesso de Marcelo era que o “gado” me reconhecesse na rua e me linchasse. O *site* pregava coisas que eu jamais defenderia: racismo, aborto para fetos masculinos, infanticídio e castração de meninos e queima de bíblias. Num *post*, “eu” (já que o *blog* era escrito em primeira pessoa, com meu nome) me vangloriava de ter realizado um aborto numa aluna em sala de aula, na UFC. O *site* viralizou graças à divulgação por figuras reacionárias conhecidas, como Olavo de Carvalho e Roger Moreira, do *Ultraje a Rigor*. Eles sabiam que o *site* era falso e divulgaram mesmo assim. Antes disso, na mesma semana em que o *site* foi lançado, Emerson, um dos misóginos que o criou, me denunciou ao Ministério Público como autora do *site* – e o MP acatou a denúncia. É surreal!

Em março de 2015, alguns meses antes da criação do *site* falso no meu nome, fui notificada para depor na Polícia Civil, em Fortaleza, por causa de um *guest post* que publiquei em julho de 2013 sobre uma moça que fez um aborto usando Cytotec e descreveu a experiência (ARONOVICH, 2013). O Ministério Público aceitou a denúncia de um *mascu* (não da quadrilha de Marcelo) que havia passado todo o ano de 2014 redigindo no seu *blog* mais de quinhentos *posts* me atacando e caluniando. O inquérito,

intitulado “Caso Lola Aronovich”, me acusava de ter cometido incitação ao crime, já que o aborto lamentavelmente não é legalizado no Brasil. No dia do meu depoimento, respondi à escritã que eu tinha o direito de defender a legalização do aborto no meu *blog*. Ela disse acreditar que o inquérito não iria adiante, mas que defender a legalização podia ser visto como incitação ao crime (o que incriminaria grande parte das feministas). O Ministério Público só encerrou o inquérito em 2017.

Mascus promoveram muitas outras ações contra mim, e não é possível contar todas porque este capítulo viraria um livro. Um dado digno de nota é que, apesar de o Dogolachan ser um *chan* neonazista que prega o extermínio de pardos e negros (além de *viados* e de *merdalheres, bostalheres* e *depósitos de porra*, termos que *mascus* usam para definir mulheres), ele atrai rapazes pardos, negros e nordestinos que gostariam de fazer parte do grupo. Um desses rapazes é Arthur Lopes, apelidado pela quadrilha de “Pardo Lopes”, que, para tentar ser aceito pela gangue, gravou um vídeo, a mando de Marcelo, afirmando que eu abusei sexualmente dele no banheiro de um congresso escolar em Aracaju (onde nunca estive). Outro com o mesmo perfil foi Ryan Cangaceiro, que em maio de 2016 fez um vídeo dizendo ser meu filho. No vídeo ele fala, quase chorando, que eu o abandonei quando ele era bebê porque odeio todos os meninos e homens, deixando-o aos cuidados da minha mãe, sua “vózinha”.

Em novembro de 2016 passei a receber diversos telefonemas de *mascus* em minha casa, que me ligavam a qualquer hora do dia e da noite sob o comando de Marcelo. Quando reclamei disso na minha conta no Twitter, surgiu um novo personagem no *chan* que se chamava Goec e dizia morar na Europa. Sua “missão” era fazer *doxxing* (descobrir todos os dados de uma pessoa e sua família e expor esses dados para poder efetuar ataques) de gente que se comunicava comigo. Uma das principais

vítimas foi uma professora universitária que vive em Goiás. A quadrilha fez montagens pornográficas com suas fotos e as enviou por *e-mail* para todo o seu departamento. Outro professor universitário, este do Paraná, foi atacado após me pedir pelo Twitter para reservar um livro meu para ele. Como é muito mais difícil para misóginos atacarem homens do que mulheres, a quadrilha descobriu que o professor tinha uma filha de 13 anos e a ameaçou de estupro e morte. A certeza de impunidade de Marcelo era tanta que ele tentou a seleção de mestrado para o mesmo departamento (na área de informática) e universidade do professor que sua quadrilha estava ameaçando. Marcelo não passou na seleção porque uma das professoras encarregadas de ler os currículos Lattes dos candidatos decidiu fazê-lo pela internet. E, ao digitar o nome do Marcelo, viu toda a sua longa ficha corrida de “o maior criminoso da internet” (como o chamou uma matéria da revista *IstoÉ* em agosto de 2015). Marcelo, furioso por não ter passado no mestrado, decidiu perseguir alguns dos candidatos que passaram, principalmente um estudante negro.

Em dezembro de 2016, dois dias antes do Natal, o reitor da Universidade Federal do Ceará, onde trabalho como professora desde 2010, recebeu um *e-mail* (com cópia para mim) em nome de Goec prometendo que, caso eu não fosse exonerada, haveria um atentado à bomba na universidade que mataria trezentas pessoas. O reitor pediu providências à Polícia Federal, e fui chamada para depor. Entreguei o HD do meu computador e a senha do meu *e-mail* para que a polícia tentasse rastrear de onde haviam sido enviados os *e-mails* terroristas.

No início de janeiro de 2017, o Dogolachan organizou uma ação orquestrada para denunciar meu *blog* em massa para o Google via *script*. Enquanto denunciavam, mandavam-me mensagens como esta: “Nós Sanctvs não iremos parar. Nós iremos te destruir: 2017 é seu último ano, pelo

menos na blogosfera. Isso é para você aprender que se nós, homens, não quisermos, nada vai pra frente, inclusive o direito de opinião de vocês”. No início, a quadrilha foi bem-sucedida: o Google suspendeu minha conta de acesso ao meu *blog* e deletou praticamente todas as imagens do ELE. Foi muito difícil encontrar um ser humano, e não uma máquina, para pedir que o Google recuperasse meu *blog*. Isso só foi possível depois que eu e minhas/meus leitoras/es começamos uma campanha com a *hashtag* #GoogleNãoCensureLola, chamando a atenção da grande mídia, e mandamos *e-mails* para o presidente do Google no Brasil. Finalmente, depois de três dias, uma pessoa do departamento jurídico do Google me telefonou, reconheceu que a demora em estabelecer contato era lamentável e explicou que meu *blog* seria restabelecido. Numa conversa tensa, disse a ela que havia dois lados – uma ativista com nome e rosto, professora universitária, autora de um *blog* feminista, e, do outro lado, um grupo de anônimos que passam seus dias ameaçando e buscando novas formas de arruinar a vida de ativistas – e que o Google, ao acatar a denúncia deles e aplicar a censura, havia se posicionado ao lado do ódio. A empresa devolveu meu *blog*, mas se negou a divulgar um pedido público de desculpas.

Ainda em janeiro de 2017, Marcelo entrou com seu primeiro processo contra mim por danos morais. A ação exigia que eu fosse a Curitiba e ficasse cara a cara com o líder de uma quadrilha que me ameaçava de estupro, tortura, desmembramento e morte havia anos. Duas advogadas feministas, que me defendiam *pro bono*, conseguiram convencer a juíza que eu corria risco se fosse a Curitiba. Quando Marcelo viu que eu não iria, ordenou a sua gangue que fizesse *doxxing* com minhas advogadas. Na mesma noite da audiência a que não compareci, as advogadas, suas famílias e vários de seus clientes das firmas de advocacia receberam ameaças de morte e estupro e notícias falsas, atrelando-as a traficantes

de drogas. Apavoradas, elas tiveram de renunciar à minha defesa. Desde então, quem assina minha defesa contra processos (foram cinco processos até agora: dois de Marcelo, ambos abandonados; um de Emerson, também abandonado; um de um *mascu* de Cuiabá, em que houve audiência de conciliação em setembro de 2018; e outro, o único que não é de um *mascu*, e sim de um professor brasileiro que mora nos EUA. Ele está me processando em 300 mil reais porque em dezembro de 2014 eu dei voz a uma moça que contou como ele se aproveitava de sua fama de feminista para seduzir feministas. Detalhe: eu nunca publiquei seu nome) são advogados homens. Por mais que advogadas mulheres me defendam, elas preferem esconder seus nomes para não serem alvos de ataques e ameaças.

Algo semelhante aconteceu em várias delegacias de mulheres por todo o país. As vítimas da quadrilha de Marcelo foram a delegacias fazer boletins de ocorrência, mas, na hora de assinar, as escritãs chamavam colegas homens. Se elas assinassem, elas também poderiam ser atacadas pela quadrilha misógina.

As boas notícias

Nem tudo é tragédia. Foi por causa do caso do *site* falso em meu nome que a deputada federal Luizianne Lins (PT-CE), ex-prefeita de Fortaleza, redigiu o Projeto de Lei n. 4.614, de março de 2016, e o chamou de “Lei Lola”. O projeto atribui à Polícia Federal a responsabilidade de investigar crimes de ódio contra mulheres na internet. Ele é importante porque, sempre que fui fazer boletins de ocorrência, não sabia onde fazê-los. Numa delegacia de crimes cibernéticos era impossível, uma vez que o Ceará ainda não dispõe de delegacias para esse tipo de crime (e os 16 estados que dispõem delas focam muito mais em crimes materiais,

como fraude de cartão de crédito, do que em ameaças misóginas). Na delegacia civil (onde registrei a maior parte dos BOs) eles ficariam esquecidos diante de tantos crimes mais relevantes. E a Delegacia da Mulher está tão sobrecarregada que só aceita denúncias de violência doméstica, e não tem infraestrutura operacional para lidar com crimes cibernéticos (muito embora, como revela um levantamento da Delegacia da Mulher de Santos, 30% dos mil procedimentos naquela delegacia já eram referentes a crimes cibernéticos [ASSUNÇÃO, 2015]). Foi só depois de muita persistência minha e alguma pressão do Ministério Público que finalmente consegui juntar os 11 BOs e abrir um inquérito em maio de 2017, quase cinco anos e meio após o primeiro BO. Pouco depois de a Delegacia da Mulher abrir o inquérito, ele foi encaminhado para a Polícia Federal, para ser investigado por lá.

A deputada Luizianne Lins se aproveitou de datas fundamentais para a luta das mulheres para conseguir a aprovação da Lei n. 13.642/2018 – a Lei Lola – num Congresso tão conservador. Em dezembro de 2017, durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, a lei foi aprovada na Câmara dos Deputados. Em 2018, na semana do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, foi a vez de a lei ser aprovada no Senado. Um mês depois, o então presidente, Michel Temer, não teve outra alternativa (já que a lei fora aprovada por unanimidade nas duas instâncias) a não ser sancioná-la. E, mesmo que a lei já esteja em vigor, ainda falta muito para implantá-la. Serão necessários vários encontros com a Polícia Federal e também a criação de cartilhas para que as mulheres saibam como e em quais casos denunciar.

A outra boa notícia foi que em 10 de maio de 2018 a Polícia Federal lançou a Operação Bravata. Sessenta agentes saíram com oito mandados de busca e apreensão em seis estados diferentes. Marcelo, o líder da

quadrilha misógina que me persegue há anos, foi preso (Emerson está foragido na Espanha). As acusações contra ele (de associação criminosa, ameaça, racismo, incitação ao crime e evidência de terrorismo), somadas, poderiam chegar a 39 anos de prisão, segundo a PF (VIANNA; KANIAK, 2018). Depois de cinco anos ininterruptos de ataques e ameaças, a polícia tomou uma atitude.

É importante salientar que entre maio e setembro de 2018 o advogado de Marcelo entrou com quatro *habeas corpus* para pedir sua soltura. Todos foram negados. Nos autos de 27 de setembro, o relator, desembargador federal João Pedro Gebran Neto, escreveu, para indeferir o pedido:

Deve-se destacar especialmente o contido no IPL no 0115/2016/SR/DPF/CE, também apenso, em que resta demonstrada uma verdadeira caçada, uma perseguição impiedosa pontuada por um jogo pérfido e sádico promovido por Marcelo em face de Dolores Aronovich Agueru, professora da Universidade Federal do Ceará.

A par de ameaçá-la direta e claramente de morte e de violação sexual por meio da internet, inclusive com a incitação para que os outros também cometessem esse ato insano, passou a utilizar indevidamente do nome da vítima e de sua imagem pessoal para associá-la, no mundo virtual, à prática dos mais abomináveis crimes. [...]

Como se ainda não fosse o bastante, o ora requerente transmitiu sua ira insana e irracional para o marido de Dolores, direcionando a ele o resultado de sua repulsiva posição acerca de quem – não há nenhuma explicação no plano da racionalidade humana para isso – entende não ser digno de receber o trato que ele e seus asseclas entendem ser devido a outros seres humanos. [...]

Sendo ela professora universitária e militante feminista pode-se deduzir que essas ações – seguindo a lógica muito particular do ora requerente – decorrem da posição de destaque profissional da vítima e objetivam que ela seja publicamente desacreditada.

Os fatos adquiriram proporção tão expressiva que levaram à aprovação do Projeto de Lei n. 4.614/2016, convertido na Lei n. 13.642/2018 sancionada no dia 04/04/2018, para o fim de atribuir à Polícia Federal a competência para investigar os crimes praticadas [sic] pela internet que propaguem o ódio ou a aversão às mulheres, independentemente da transnacionalidade. A lei é popularmente conhecida como Lei Lola, em homenagem à professora e militante feminista Dolores (Lola) Aronovich Aguero (GEBRAN NETO, 2018).

A melhor notícia, porém, chegou no final de dezembro de 2018: Marcelo foi julgado e “condenado a 41 anos, seis meses e vinte dias de prisão por associação criminosa, divulgação de imagens de pedofilia, racismo, coação, incitação ao cometimento de crimes e terrorismo cometidos na internet” (VIANNA; HERSING, 2018). Além disso, Marcelo terá de pagar um milhão de reais como reparação de danos, quantia que será destinada a programas de combate a crimes cibernéticos. O processo corre em segredo de justiça. A defesa de Marcelo diz que irá recorrer, mas ele não poderá recorrer em liberdade.

Melhorou, mas está longe de acabar

As perseguições contra mim e meu *blog* certamente diminuiram desde que Marcelo foi preso em maio de 2018, mas ainda estão longe de cessar. No dia 15 de junho de 2018, um membro do Dogolachan e

da quadrilha desde no mínimo 2011, André Luiz Gil Garcia, codinomes “Kyo” e “Fuego Sancto”, de 29 anos, deixou um recado no *chan* dizendo que iria se matar. Ouviu como resposta o típico “leve a escória junto”, ou seja, “mate-se, mas antes vire um herói, executando mulheres, feministas, negros, gays e lésbicas”. Vários no *chan* se ofereceram para pagar uma passagem para que André viajasse de Penápolis-SP, onde morava, para Fortaleza a fim de me matar. Na mesma noite André assediou na rua duas jovens que ele não conhecia, atirou na nuca de uma delas, fugiu e se suicidou. Sua vítima, Luciana de Jesus do Nascimento, de 27 anos, permaneceu vinte dias internada na UTI e faleceu em 5 de julho.

André “virou herói” no *chan* junto a outros misóginos que cometeram atentados contra mulheres, como Wellington de Menezes e Elliot Rodger. Poucos dias depois de seu “actosanto”, outro membro da quadrilha, Breno Alves da Silva, fez um vídeo saudando “Kyo” e dizendo: “Em breve eu vou te acompanhar e pretendo levar comigo a Lola, isso eu prometo aqui perante todos”.

No final de julho o Dogolachan foi tirado do ar pela própria quadrilha, e parte de seus membros passou a se comunicar em outro *chan*, o Firechan. No fim de setembro o Dogolachan reabriu na Deep Web e só pode ser lido pelos membros.

As poucas semanas de relativa calma que tive após a retirada do Dogolachan foram interrompidas durante as eleições. Em outubro, comentários como estes foram deixados no meu *blog*: “Vc merece morrer com requintes de crueldade, e eu juro por Deus que gostaria muito de ser o executor. Matar gente que não presta, como você, seria fazer um bem à sociedade”; “Quando o Bolsonaro liberar o porte de armas eu vou estuprar toda feminista que vacilar”; “Cada voto é um rato enfiado na vagina de vocês”; “Jair Bolsonaro, guerreiro da Real na presidência. Dolores no

cemitério. Feminazis no hospício. Falta pouco”; “Viu o que te aguarda a partir de 1 de janeiro? É choque, cipó e porrada na cara”.

Desnecessário dizer em quem esses homens votaram para presidente ou quem é o torturador que idolatram.

Salta aos olhos o ódio que eles sentem por mulheres, principalmente feministas. Por exemplo, no dia 28 de dezembro a escritora Daniela Abade, feminista na internet desde a virada do século, fez um simples FF (*Follow Friday*) indicando vinte feministas para seguir no Twitter. Isso foi suficiente para um rapaz desconhecido desdenhar que aquilo era “uma lista só com mulheres brancas e burguesas”. Outro homem disse: “A queda de vocês é certeza”. Um terceiro, mais explícito e com foto de Bolsonaro, escreveu: “Vamos acabar com vocês suas cadelas”. Ao ser indagado por uma usuária por que esse ódio às mulheres, ele respondeu: “Ódio de mulheres? Desde quando feminista é mulher?”

Datas comemorativas como Natal e *Réveillon* são particularmente perigosas, pois são dias em que homens sem amigos ou vida social costumam sentir mais a solidão e, para tentar driblá-la, atacam mulheres na internet. Desde 2011 eu não passo um só *Réveillon* sem receber mensagens de que aquela será minha última virada de ano, já que serei executada em breve ou morrerei de alguma doença merecida. Na virada de ano de 2018 para 2019 (ou para 1964, como preferem alguns, em referência à posse de um militar) não foi diferente. Mesmo com Marcelo preso, alguns anônimos apareceram no meu *blog* para deixar comentários repletos de ódio, xingando e prometendo a minha morte e a de meu marido. Um deles deixou vários comentários, alguns contraditórios, primeiro me xingando, depois jurando que estava só brincando e que não me odeia, em seguida tentando fazer um pacto (“você me esquece e eu te esqueço, ok, sua piranha?”), e, diante do meu silêncio, expressando que sou a pessoa que ele

mais odeia no mundo, terminando a noite com uma descrição detalhada de como ele se masturbou fantasiando a minha morte.

Na tarde do dia 31 de dezembro de 2018, um homem não gostou das minhas dúvidas acerca da facada em Bolsonaro, entre elas o fato da ausência de sangue externo do então candidato a presidente no atentado de 6 de setembro. Esse homem me mandou um tuíte com uma foto de uma faca e o texto

Partiu colocar em prática sua teoria? Essa é minha Ka-Bar, instrumento perfeito para o teste. Eu entro com ela, vc com sua pança sebosa. Apenas 7 centímetros, nada letal. Aí te demonstro o efeito ‘enxugamento’ que é o que o couro faz na lâmina qd de sua extração. De acordo?

Entendi a mensagem como uma ameaça, e no Twitter pedi para que minhas/meus seguidoras/es o denunciasses. Foi surpreendente saber que ele me ameaçou usando seu perfil real. Ficamos sabendo que João Eduardo Sampaio de Alencar é delegado da Polícia Civil em Cuiabá e, obviamente, entusiasta de Bolsonaro. Em pesquisa rápida feita por algumas/alguns leitoras/es nas redes sociais foi descoberto que Alencar, em dezembro de 2013, havia sacado uma arma dentro de uma agência bancária depois de furar fila e empurrar uma cliente (G1, 2013). Antes disso, ele já respondia a processos por improbidade e ação penal por abuso de autoridade. Mesmo condenado à reclusão de dois anos e meio por crime de denúncia caluniosa, o delegado permaneceu no cargo. Em 2013 ele prendeu em flagrante 25 manifestantes que protestavam contra o fim da integração nos terminais de ônibus. Entre os manifestantes presos havia uma menina de 12 anos que sofria de epilepsia. Por isso o delegado foi denunciado pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (POPULAR, 2013).

Provavelmente porque nada aconteceu com seu cargo naquelas ocasiões, Alencar sentiu-se à vontade para sugerir testar sua “Ka-Bar” na barriga de uma feminista. Ele ainda redigiu dezenas de outros tuítes antes de sua conta ser suspensa pelo Twitter por “ameaça violenta”.

No mesmo dia, véspera de ano-novo, outro homem reagiu a um tuíte meu em que eu comentava ser adepta da teoria da conspiração que crê que a facada em Bolsonaro não aconteceu. Seu tuíte dizia: “Você é adepta do Dogão com bastante maionese, batata palha e cheddar. Não faltou sangue na facada, faltou no teu cérebro, mas, entendo perfeitamente. Há regiões maiores para serem irrigadas aí, tipo: seu abdômen”.

Não haveria espanto algum – recebo inúmeros tuítes desse gênero com frequência – se não fosse por seu remetente: a mensagem veio de um deputado estadual eleito pelo PSL para a Assembleia Legislativa de São Paulo: Gil Diniz, também conhecido como “Carteiro Reaça”, foi assessor de Eduardo Bolsonaro, um entre muitos assessores contratados para “trollar” nas redes sociais. Com o crescimento da extrema direita, Diniz conseguiu se eleger deputado, mas o gosto pela “trollagem” não saiu de seu organismo.

Considerações finais

Eu diria que existem três grupos que me atacam (e atacam outras feministas e ativistas em geral), bastante parecidos entre si. Um é o que chamo de “reaças zueros”, homens de extrema direita que fingem estar brincando e fazendo piada ao me xingar, inventar discursos que nunca fiz, criar montagens. Eu os chamo também de 4ª série B, porque os insultos que eles proferem (gorda, feia, chata etc.) costumam passar quando a criança chega à 5ª série, e “B” porque a 4ª série A demonstra mais

maturidade. O outro grupo, igualmente de extrema direita, também usa “humor”, mas ele é mais organizado, parece ser pago (porque tem todo o tempo do mundo para ficar na internet xingando pessoas de esquerda) e capricha nos ataques sempre que eu menciono Jair Bolsonaro. Este grupo cria perfis *fakes* no Twitter diariamente só para me xingar e cria também perfis imitando o meu para confundir. Além disso, abre contas em meu nome, com minhas fotos, em outras redes sociais, como a Gab (conhecida como “o Twitter dos reações”) e o Curious Cat, e manda mensagens de cunho sexual no meu nome para crianças e adolescentes daquela rede. Faz isso incessantemente, por meses a fio, todos os dias. O terceiro grupo é o de *mascus*.

O desafio é descobrir quais desses grupos têm um relacionamento meramente afetivo com políticos de extrema direita e quais são patrocinados por eles. Quando um deputado estadual e um delegado passam a atacar, vemos que as ligações entre quem está no poder e grupos de ódio podem ser bastante promíscuas.

Qualquer um desses grupos pode arquitetar um atentado contra mim. Não tenho medo. Sei que sou um alvo fácil. Eles sabem (e divulgam) onde moro e trabalho, e não vou mudar minha rotina devido às ameaças, que ocorrem desde 2011. Com o *blog* eu tenho voz, e esta é também uma estratégia de defesa. Sigo um ditado famoso da ativista afro-americana Audre Lorde: “Meus silêncios não haviam me protegido. Seu silêncio não a protegerá” (1977). É verdade. Ficar quieta não faz com que homens que odeiam mulheres deixem de te agredir. Se eu parasse com o *blog*, misóginos continuariam atacando, a mim e a muitas outras mulheres. O que eles querem é nos silenciar, calar nossa voz. Portanto, ter medo não é um luxo de que posso desfrutar. Prefiro seguir lutando.

Referências

ARONOVICH, L. *Escreva Lola escreva*: crônicas de cinema. São Paulo: Com-Arte, 2012.

ARONOVICH, L. A ordem dos homens de bem quer que as mulheres morram. *Escreva Lola Escreva*. 2008a. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2008/10/ordem-dos-homens-de-bem-quer-que-as.html>. Acesso em: 03 jan. 2019.

ARONOVICH, L. Homens que odeiam as mulheres. *Escreva Lola Escreva*. 2008b. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2008/03/homens-que-odeiam-mulheres.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. O relato da Taia. *Escreva Lola Escreva*. 2008c. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2008/11/o-relato-da-taia.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. Sobre o machismo que não existe mais. *Escreva Lola Escreva*. 2008d. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2008/02/sobre-o-machismo-que-no-existe-mais.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. Toda mulher tem uma história de horror pra contar. *Escreva Lola Escreva*. 2008e. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2008/03/toda-mulher-tem-uma-historia-de-horror.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. O pensamento vivo (modo de dizer) dos masculinistas. *Escreva Lola Escreva*. 2011a. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/02/o-pensamento-vivo-modo-de-dizer-dos.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. Troll fest de lógica linear dos mascus. *Escreva Lola Escreva*. 2011b. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/03/troll-fest-de-logica-linear-dos-mascus.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ARONOVICH, L. O verdadeiro significado da palavra comunhão. *Escreva Lola Escreva*. 2013. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/07/guest-post-o-verdadeiro-significado-da.html>. Acesso em: 03 jan. 2019.

ASSUNÇÃO, N. Violência contra mulheres aumenta no mundo real e virtual. *Boq News*. 2015. Disponível em: <http://www.boqnews.com/cidades/violencia-contra-mulheres-aumenta-no-mundo-real-e-virtual/>. Acesso em: 30 set. 2018.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, F. “Ele atirava nas meninas para matar”, diz aluno que sobreviveu a ataque. *G1*. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/ele-atirava-nas-meninas-para-matar-diz-aluno-que-sobreviveu-ataque.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

DELEGADO entra armado em agência bancária de Cuiabá e assusta clientes. *G1*. Mato Grosso, 20 dez. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/12/delegado-entra-armado-em-agencia-bancaria-de-cuiaba-e-assusta-clientes.html>. Acesso em: 03 jan. 2019.

DELEGADO exerce função em MT mesmo após condenado pela Justiça. *O Popular Centro Oeste*. 9 dez. 2013. Disponível em: http://www.copopular.com.br/cidades/id-89012/delegado_exerce_funcao_em_mt_mesmo_apos_condenado_pela_justica. Acesso em: 03 jan. 2019.

GEBRAN NETO, J. P. Voto do habeas corpus n. 5033858-55.2018.4.04.0000/PR. Tribunal Regional Federal da 4ª Região. *Eproc*. 2018. Disponível em: <https://eproc.trf4.jus.br>. Acesso em: 30 set. 2018.

GREER, G. *A mulher eunuco*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

HESS, A. Why women aren't welcome on the internet. *Pacific Standard*. 2014. Disponível em: <http://www.psmag.com/navigation/health-and-behavior/women-arent-welcome-internet-72170/>. Acesso em: 30 set. 2018.

LORDE, A. Palestra proferida no painel Lesbianismo e Literatura da Modern Language Association, em Chicago. *Ação Transformativa*. 1977. Disponível em: <https://transformativa.wordpress.com/2017/01/31/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao-audre-lorde/>. Acesso em: 30 set. 2018.

O CRIMINOSO da internet. *IstoÉ*. 28 ago. 2015. Disponível em: https://istoe.com.br/434177_O+CRIMINOSO+DA+INTERNET/. Acesso em: 03 jan. 2019.

RIZZOTTO, C. C. Discursa, Lola, discursa: estratégias discursivas de um *blog* feminista. *Galaxia*, 28, p. 248-261, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014219043>. Acesso em: 30 set. 2018.

RIZZOTTO, C. C. O “quinto poder” exerce poder de fato? Relações entre um observatório de mídia e seu público. *Extraprensa*, 11, p. 128-150, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/129074/137420>. Acesso em: 30 set. 2018.

VIANNA, J.; HISING, E. Homem é condenado a 41 anos de prisão por crimes como racismo, terrorismo e divulgação de pedofilia na internet. *G1*, Curitiba, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/12/19/homem-e-condenado-a-41-anos-de-prisao-por-crimes-como-racismo-terrorismo-e-divulgacao-de-pedofilia-na-internet.ghtml>. Acesso em: 03/01/2019.

VIANNA, J.; KANIAK, T. PF prende uma pessoa em operação contra crimes de racismo, ameaça, incitação e terrorismo praticados na internet. *G1*. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/pf-faz-operacao-contr-crimes-de-racismo-ameaca-e-incitacao-e-terrorismo-praticados-na-internet.ghtml>. Acesso em: 30/09/2018.

Sobre as organizadoras

Carolina Lopes Araújo

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Mestre em Gestão pela HEC-Montreal (Canadá). Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina. Desenvolve estudos nas áreas de desenvolvimento e sustentabilidade, participação social e colaboração, gestão e educação e análise discursiva.

E-mail: carolinalopesaraujo@gmail.com

Jacqueline Fiuza da Silva Regis

Doutora em Linguística pela UnB e *Doctor philosophiae* (Dr. phil.) pela Universidade Friedrich Schiller, Alemanha. Professora vinculada ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da Universidade de Brasília. Mãe da Ayumi (2009), da Inaê (2011) e da Nina (2017). Articula pesquisa e docência em questões afetas à decolonialidade, ao antirracismo, à análise de discurso crítica, a direitos sexuais e reprodutivos e à produção textual.

E-mail: fuzaregis@yahoo.de

Viviane de Melo Resende

Doutora em Linguística pela UnB, professora associada da mesma universidade. Pesquisadora do CNPq, coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC). Realizou estudos pós-doutorais na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Pompeu Fabra. Desenvolve pesquisas em estudos críticos do discurso, decolonialidade, interseccionalidade, com foco na situação de rua.

E-mail: resende.v.melo@gmail.com

Sobre as/os autoras/es

Débora de Carvalho Figueiredo

Bacharel em Direito e mestre e doutora em Linguística Aplicada e Análise do Discurso, professora no Departamento de Línguas Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Inglês/Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Federal de Santa Catarina. Seu foco de interesse são as relações entre discurso, gênero e poder, sobretudo no discurso jurídico.

E-mail: deborafigueiredo@terra.com.br

Gersiney Santos

Doutor e mestre em Linguística pela Universidade de Brasília, atua na área de Língua Portuguesa, Produção de Texto e Linguística, com ênfase em Análise de Discurso Crítica e Método Sincrônico-Diacrônico de Análise Linguística de Textos. Professor vinculado ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da UnB.

E-mail: gersiney@gmail.com

Gina Vieira Ponte de Albuquerque

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Especialista em Educação a Distância, Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar e Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais. Cursa mestrado em Linguística na UnB.

E-mail: ginavieiraponte@gmail.com

Juliana de Freitas Dias

Doutora em Linguística e docente na Universidade de Brasília desde 2009. É fundadora e atual coordenadora do grupo de pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa (Gecria).

E-mail: ju.freitas.d@gmail.com

Lola Aronovich

Mestra e doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora associada do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução da Universidade Federal do Ceará, autora do *blog* Escreva Lola Escreva.

E-mail: lolaescreva@gmail.com

Mariana C. Marchese

Doutora pela Universidade de Buenos Aires, professora de Mídia e Ensino Superior em Letras na mesma universidade, pesquisadora assistente do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas, chefe de Trabalhos Práticos na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

E-mail: marianacmarch@yahoo.es

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa e colaboradora do Poslin-UFMG. Articula pesquisas em Análise de Discurso Crítica com estudos de gênero e corpo (Grupo Afecto).

E-mail: mcgomes@ufv.br

Virgínia Colares

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco com pós-doutorado em Direito pela Universidade de Brasília. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Católica de Pernambuco.

E-mail: virginia.colares@pq.cnpq.br

Os estudos críticos do discurso têm sido amplamente aprofundados nas incursões que pesquisadoras latino-americanas têm feito nesse campo. A Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso e a Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica e Pobreza são exemplos do muito que foi feito na América Latina na direção da ampliação do escopo da análise de discurso crítica e no refinamento de abordagens teóricas e metodológicas associadas a essa interdisciplina. A ALED é uma associação acadêmica com 25 anos de tradição que congrega estudos do discurso de diversas tendências. Para a sétima edição do colóquio da ALED no Brasil, definiu-se a temática “Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida”, com o objetivo de trazer ao centro da discussão no âmbito da ALED-Brasil as relações de discurso-sociedade em termos de poder e abuso de poder. Para atingir esse objetivo, a ALED-Brasil convidou especialistas de diferentes campos dos estudos do discurso que trabalham com as categorias centrais a este debate: classe, raça e gênero, e consideram ambientes discursivos variados, desde os espaços virtuais de interação até as políticas públicas, passando pelos campos midiático, jurídico e educacional. Esse encontro mostrou-se uma oportunidade produtiva para a discussão do necessário comprometimento de acadêmicas e acadêmicos envolvidos em estudos das relações de linguagem-sociedade em termos de discurso e poder. Este livro reúne algumas dessas conferências.

